



HAL
open science

“A linguagem é uma instituição sem análogo (se a ela adicionamos a escrita)”. A escrita como problemas na reflexão teórica de Saussure

Pierre-Yves Testenoire

► **To cite this version:**

Pierre-Yves Testenoire. “A linguagem é uma instituição sem análogo (se a ela adicionamos a escrita)”. A escrita como problemas na reflexão teórica de Saussure. Elisane Silveira & Stefania Montes Henriques. Saussure: manuscritos, aulas e publicações, EDUFU, pp.173-196, 2022, 10.14393/978-65-5824-024-2 . hal-03977832

HAL Id: hal-03977832

<https://hal.science/hal-03977832>

Submitted on 7 Feb 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

“A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)”: a escrita como problema na reflexão teórica de Saussure¹²³

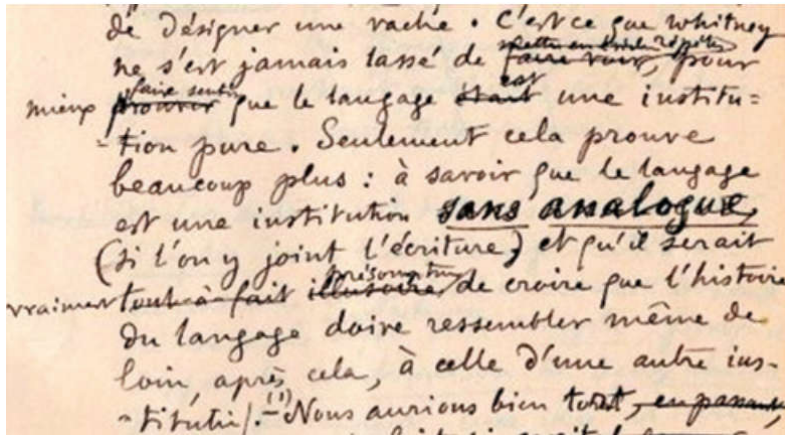
Pierre-Yves Testenoire

As análises de Saussure referentes à escrita têm, frequentemente, sido julgadas como decepcionantes. Independentemente de críticas concernentes a essas análises, muitos comentadores veem a escrita como algo “impensado” (RICARDOU, 1995), como “um obstáculo” (HARRIS, 2003) ou como “um ponto cego” (GANDON, 2012) das reflexões saussurianas. A tese que defendemos é que a escrita constitui, ao contrário, um ponto nodal do pensamento de Saussure, onde se articulam reflexões propriamente linguísticas e também o programa semiológico. Objeto linguístico, semiológico, social e histórico, a escrita representa, literalmente, um problema ao linguista, na medida em que ele a considera como um sistema exterior à língua, mas integrado a ela. A ambição deste artigo é identificar um desses problemas e, assim, apontar a complexidade das representações entendidas sobre a posição saussuriana a respeito da escrita.

A citação escolhida como título deste artigo ilustra toda a dificuldade do pensamento teórico de Saussure sobre esse assunto. Ela foi retirada de um caderno de anotações manuscritas, datado de 1894, onde o linguista desenvolve, a partir da tese convencionalista de Whitney, uma reflexão sobre a língua como instituição social (Figura 1).

¹²³ Tradução de Micaela Pafume Coelho. Artigo originalmente publicado na *Semiótica, Journal of the International Association for Semiotic Studies / Revue de l'Association Internationale de Sémiotique*, 2017.

Figura 1



Fonte: Saussure, Bibliothèque de Genève, Ms. fr. 3951/10, f° 18, détail

A tese que é o cerne da demonstração saussuriana, “A linguagem é uma instituição sem análogo”, é reforçada pelo sublinhado e pela reescrita em caracteres maiores da expressão “sem análogo” (*sans analogue*), em negrito. Não obstante, a afirmação radical é imediatamente ressaltada pela adição de um parêntese – “se nela incluímos a escrita”, que deve ser entendida como “se fazemos exceção da instituição social da escrita”. Esse parêntese não somente atenua o caráter categórico da primeira afirmação, mas potencialmente a contradiz, pois “se nela incluímos a escrita”, pode significar que a escrita apresenta analogias com a língua: nesse caso, a língua não é mais uma instituição sem análogo. Outra interpretação: “se nela incluímos a escrita” pode significar que a escrita é também uma instituição sem análogo: o texto, então, traçaria um modelo com duas instituições singulares que seriam a língua (aqui, a linguagem) e a escrita, sem que a relação entre as duas fosse especificada.

1 A escrita no *Curso de linguística geral* e suas críticas

Todas essas questões não surgiriam se considerássemos apenas o *Curso de linguística geral* elaborado por Bally e Sechehaye. O tratamento da

escrita no CLG se reduz, convém lembrar, a duas passagens, por vezes consideradas contraditórias. A primeira está no capítulo sexto da Introdução, intitulado “Representação da língua pela escrita”, em que é defendida a tese segundo a qual a escrita é um sistema de representação fictício da língua (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 40). A segunda passagem se encontra no capítulo consagrado ao valor, onde é desenvolvida uma comparação entre o signo linguístico e o signo gráfico, com a imagem dos três “t” cujas variantes materiais seriam indiferentes (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 138).

As concepções de escrita, tais como são desenvolvidas no CLG, constituem-se como objetos de múltiplas críticas. Analisaremos algumas dessas críticas que nos parecem interessantes, uma vez que cada uma delas coloca em discussão um aspecto diferente das análises saussurianas.

1.1 Crítica do fonocentrismo

Uma das críticas fundadoras é a de Derrida, que vê, no capítulo sexto da Introdução do CLG, um testemunho desse logocentrismo, aliado a um fonocentrismo que governa, segundo ele, a metafísica ocidental e que coloca a exclusão da escrita como uma das condições para a possibilidade de uma sistematização da língua. A crítica do fonocentrismo saussuriano também se desenvolveu em outros quadros teóricos, por exemplo, por Jack Godoy (1979, 1994, 2007) ou por Walter J. Ong (1982). Se a análise derridiana constitui uma etapa importante do exame crítico da questão da escrita em Saussure – nesse sentido, já amplamente estudada (BENNINGTON, 2004; JOUBERT, 2005; DAYLIGHT, 2011) –, ela apresenta, em nossa perspectiva, uma grande limitação. Derrida especifica, na obra *De la grammatologie*, uma preocupação “muito reduzida com o pensamento do próprio Saussure” (DERRIDA, 1967, p. 107). Saussure é tomado como um representante da abordagem representativa da escrita, e é visto até mesmo como um representante do discurso da Linguística Moderna sobre a escrita, como se ela fosse homogênea. A partir de então, foi demonstrado que as concepções autonomistas da escrita também poderiam ser desenvolvidas na linguística a partir da teoria saussuriana (cf. ARRIVÉ, 1983; ANIS et al., 1988).

1.2 Crítica da “representação”

Jaques Anis, Jean-Louis Chiss e Christian Puech (CHISS, 1988; PUECH, 1983) questionaram, por sua vez, a noção de “representação” mobilizada no CLG a respeito da escrita. Como ressaltam esses autores, o sentido de “representação” não é, na verdade, nem definido nem problematizado no ensinamento de Saussure. A esse respeito, o conhecimento aprofundado que temos sobre o *corpus* saussuriano nos permite trazer esclarecimentos, uma vez que existe uma fonte concomitante aos cursos de Linguística Geral em que o termo “representação” é onipresente: os cadernos dos anagramas. Nesses cadernos, cuja redação é contemporânea aos dois primeiros cursos de Linguística Geral, os segmentos dos textos “representam” os segmentos das palavras-temas e o termo “representação” é alternado muito claramente com “imitação” e “figuração”, a fim de designar uma reprodução imperfeita (cf. SAUSSURE, 2013). A acepção saussuriana de “representação”, portanto, está bem relacionada à problemática tradicional da mimese platônica.

A tese saussuriana da representação da língua pela escrita parece, contudo, mais complexa, se analisarmos os cadernos dos alunos. Na edição de Rudolf Engler (SAUSSURE, 1968–1974, p. 67; CLG/E 442), a frase do CLG “A língua e a escrita são dois sistemas de signos distintos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” corresponde bem ao que encontramos nos cadernos de Georges Dégallier: “Língua e escrita são dois sistemas de signos em que um tem a missão única de representar o outro”. Mas os cadernos dos outros ouvintes propõem uma versão diferente. Assim, Francis Joseph anotou: “A língua e a escrita são dois sistemas de signos que têm a missão de representarem um ao outro”. Essa ideia de uma reciprocidade entre os dois sistemas é confirmada pelos cadernos de Émile Constantin, que não eram conhecidos pelos editores no momento da elaboração do CLG: “A língua e a escrita são dois sistemas de signos em que um tem a missão <unicamente> de representar o outro. Parece que o valor respectivo e recíproco desses sistemas não corre o risco de ser ignorado.”

Dessa forma, não somente a escrita representa a língua, mas também a língua representa a escrita. Esse segundo axioma descreve o fato de que a escrituração de uma língua modifica a consciência que os sujeitos falantes têm dela e, portanto, de sua estrutura; é isso que Saussure demonstra

nas reflexões que se tornaram o capítulo “Representação da língua pela escrita”. Essa reciprocidade considerada entre os dois sistemas, ao contrário do modelo de representação unilateral apresentado no CLG, parece próxima do processo de autossemitização da língua pela escrita, sobre o qual Benveniste fala em suas últimas lições no *Collège de France* (BENVENISTE, 2012).

1.3 Crítica do “desacordo entre a grafia e a pronúncia”

Uma outra crítica importante foi desenvolvida por Roy Harris – que consagra as cem primeiras páginas de *A semiologia da escrita* à análise crítica do tratamento dado por Saussure à escrita. Ele aponta notadamente incontestáveis fragilidades na análise das relações entre grafia e fonia no capítulo sexto da Introdução do CLG. Assim, quando estuda as evoluções da escrita da palavra *roi* (CLG, p. 49), Saussure conclui o ilogismo da grafia atual. Ora, como mostra Harris (2003, p. 40-41), a equivalência atual entre a grafia *r-o-i* e o lexema pronunciado [ʁwa] só pode ser decretado deficiente em relação ao século XIII. Saussure projeta, assim, sobre um fenômeno sincrônico – uma equivalência entre grafia e fonia – uma perspectiva diacrônica, e faz o mesmo que criticava a respeito da Linguística de seu tempo: uma confusão entre os pontos de vista sincrônico e diacrônico. Mesmo a ideia de um desacordo entre grafia e fonia está no centro da crítica de Harris: ele contesta as análises saussurianas na medida em que colocam a língua ao centro de suas concepções de escrita e negam toda autonomia semiológica aos sistemas gráficos – sobre a qual ele funda sua abordagem integradora.

1.4 Crítica do “alfabetismo” saussuriano

O privilégio concedido ao sistema alfabético nas análises do CLG foi destacado por muitos comentadores. Se a importância dada ao modelo alfabético atesta uma incontestável “perspectiva eurocentrista” (HARRIS, 1993, p. 72), ela estabelece também posições teóricas. Isso foi demon-

strado, em particular, pelos proponentes de uma abordagem icônica da escrita. Assim, Anne-Marie Christin colocou em evidência o embaraço teórico de Saussure ao tratar dos ideogramas. A “propensão do ideograma de modificar seu valor primário para tomar emprestado o valor do alfabeto” (CHRISTIN, 1999) coloca problemas à concepção de valor que ele desenvolve e que é considerado apenas no seio de um sistema definido. Da mesma forma, Christin mostra que a indiferença da materialidade da letra *t*, argumentada no CLG, não é sustentável no contexto das escritas chinesas ou japonesas. Portanto, em sua reflexão sobre a escrita, Saussure deduz características gerais a partir do sistema que melhor se adéqua à sua perspectiva fonocêntrica: o alfabeto. A partir disso, fecham-se os olhos para a dimensão icônica da escrita.

Todas essas críticas, que provêm de defensores de uma concepção autonomista mais ou menos radical da escrita, parecem ter fundamento. O tratamento dado por Saussure à escrita ainda nos parece interessante quando procuramos distinguir duas abordagens: de um lado, o ensinamento de Linguística Geral, em que a escrita é abordada apenas em sua relação com a língua; de outro, as pesquisas manuscritas, em que a escrita é abordada como tal, no âmbito de um projeto semiológico.

Desse ponto de vista, há somente dois sistemas de signos não linguísticos que são verdadeiramente estudados nos manuscritos: as lendas e a escrita.

As reflexões teórica e semiológica de Saussure sobre a escrita são, ademais, inseparáveis da multiplicidade de estudos que ele realizou sobre sistemas gráficos particulares. Essas questões percorrem seu itinerário: Saussure trabalhou, nos anos de 1880, sobre a runa e a escrita das línguas germânicas¹²⁴; ele conheceu os trabalhos sobre as escritas cuneiformes de grandes assiriologistas de seu tempo – Joachim Menant e Jules Oppert, com quem ele se correspondia; ele participou de debates sobre a transcrição do sânscrito durante o Congresso de Orientalistas de 1894 (AMACKER, 2006;

¹²⁴ Assim, o resumo dos cursos de Saussure ministrados na *École Pratique des Hautes Études* indica que, entre 1881 e 1882, ele estudou o “sistema gráfico” do gótico e do alto-alemão antigo, e que, entre 1882 e 1883, ele fez “uma introdução sobre as fontes, os alfabetos e os agrupamentos de principais dialetos antigos (gótico, escandinavo, alto-alemão antigo, baixo-frâncico antigo, saxão antigo, frísio, anglo-saxão)” (FLEURY, 1964-1965, p. 55-58).

JOSEPH, 2012, p. 402-409); ele colocou questões de epigrafia em seu programa de ensino em Genebra (cf. LINDA, 1995-1996); dedicou um artigo publicado e muitos manuscritos à decifração e à análise de várias inscrições antigas (cf. MARCHESE; MURANO, 2015). A questão da escrita é, então, abordada no *corpus* de manuscritos saussurianos sob uma ótica, ao mesmo tempo, empírica e teórica: ela se constitui como objeto de uma constelação de abordagens diferentes – semiológica, linguística, histórica, epigráfica – que é difícil de abarcar. É por isso que não propomos uma análise sistemática do tratamento da escrita em todos os manuscritos saussurianos. Em vez disso, concentrar-nos-emos em um objetivo mais modesto, considerando um problema que Saussure enfrentou: o da relação entre os sistemas da língua e da escrita¹²⁵.

2 O problema da *analogia* da língua e da escrita

No que tange aos ensinamentos sobre Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911, podemos distinguir três domínios em que a questão da escrita é abordada:

– na exposição sobre as diferentes línguas, a escrita é apresentada como um documento indispensável para o estudo das línguas antigas. Na parte sobre línguas, que, em cada curso, ocorreu de forma paralela à abordagem da língua, há, portanto, considerações sobre diferentes sistemas de escrita – etruscos, silabários cipriotas, cuneiformes, persas etc. –, o quais não foram todos reproduzidos pelos editores do CLG;

... em segundo lugar, em um inventário de erros cometidos pela Linguística do século XIX ou, prospectivamente, no alerta sobre as armadilhas a serem evitadas, a escrita aparece como uma das principais fontes de erros. Em cada um dos três cursos, os erros induzidos pela escrita foram objeto de uma elaboração separada, que os editores do CLG fundiram em

¹²⁵ Encontraremos uma primeira abordagem desse problema, considerado a partir de uma perspectiva mais ampla, em Testenoire (2013, p. 225-250).

um capítulo da Introdução que parece eliminar, de maneira inicial e definitiva, a escrita para o estudo da língua. Ora, a crítica saussuriana sobre a escrita – longe de significar sua exclusão – possui um objetivo metodológico. A denúncia do meio enganoso da escrita é um convite para substituí-la por um sistema confiável de representação. Duas de três passagens do Terceiro Curso em que os editores do CLG se basearam para a elaboração do capítulo “Representação da língua pela escrita” são imediatamente seguidas, nos cadernos dos alunos, de uma explicação sobre os princípios de fonologia necessários a uma transcrição racional da fala¹²⁶;

– enfim, a escrita intervém na formulação de princípios gerais de uma ciência da linguagem. O sistema de escrita atua, então, como um análogo para pensar o sistema linguístico. É a esse último problema que nos ateremos.

2.1 “A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)” (1894)

Saussure integrou, desde cedo, o problema da escrita à sua reflexão teórica sobre a linguagem e sobre as línguas. Os textos de Linguística Geral, escritos bem antes dos cursos de Linguística Geral, atestam isso. Uma passagem do manuscrito conhecido como *Da essência dupla da linguagem* (1891) trata incidentalmente da questão da escrita, quando trata da “consciência dos sujeitos falantes”, que determina as formas significantes. Saussure nota a “inconsciência” que os sujeitos falantes têm da “forma dos signos” da escrita, assim como “do som das palavras” que eles empregam. Ele continua:

De uma maneira + geral é ~~muito provável~~ <me parece> que ~~não somente~~ <esteja> no campo do efeito individual (= semiológico),

¹²⁶ Essa preocupação com uma “transcrição racional da fala” se junta às preocupações que surgiam com o projeto contemporâneo do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) utilizado pela Associação Fonética Internacional de Paul Passy, da qual Saussure era membro. Sobre as relações de Saussure com o AFI, conferir Galazzi (1992 [1880-1914]; 2000).

mas também <esteja> na série de suas frases históricas, perspectiva histórica, os fatos relativos ao escrito <à escritura>, apresentam o ~~homólogo um~~ <e> ~~case~~ <face> ~~homóloga~~ talvez para todos os fatos sem exceção que estão na linguagem uma mina de observações interessantes, e de fatos ~~completamente homólogo~~ não somente análogos, mas completamente homólogos <de uma ponta a outra> àqueles que podem ser discernidos na linguagem falada. (BGE, *Archives de Saussure* 372, f. 82)^{127, 128}.

“Os fatos relativos à escrita” e aqueles relativos à “linguagem falada” são declarados homólogos. O oral e o escrito são colocados em um mesmo plano, na medida em que suas formas significantes, sendo determinadas pela consciência dos sujeitos falantes, supõem um duplo ponto de vista: “histórico” e “semiológico” (aqui, correspondendo à consciência dos sujeitos falantes, isto é, sincrônico). A questão da relação entre fatos de língua e fatos de escrita tampouco é desenvolvida no *Essência dupla*. Ela foi, em contrapartida, largamente retomada e aprofundada em 1894, nas notas manuscritas destinadas a um artigo sobre o linguista americano William Dwight Whitney.

Essas notas começam como um artigo de homenagem ao linguista americano que acabara de falecer. Elas evoluem muito rapidamente para uma análise cuidadosa dos méritos, mas também das insuficiências das ideias expostas no livro *A vida da linguagem*¹²⁹. Entre elas, Saussure dá crédito a Whitney por ter afirmado, contra as concepções organicistas de seu tempo, que a linguagem é uma instituição humana. “Aquilo mudou o

¹²⁷ (Nota da Tradutora) Original: *D'une manière + générale il est assez probable <me semble> que ~~non seulement~~ <soit>- dans le champ de l'effet individuel (= sémiologique), mais aussi <soit> dans la série de ses phrases historiques, perspective historique, les faits relatifs à l'écri <à l'écriture>, présente l'homologue un <e> cas <face> homologue peut-être pour tous les faits sans exception qui sont dans le langage une mine d'observations intéressantes, et de faits complètement homologue non-seulement analogues, mais complètement homologues <d'un bout à l'autre> à ceux qu'on peut discerner dans le langage parlé.*

¹²⁸ Cf. Saussure (2002, p. 49) e Saussure (2011, p. 134-135). Todas as transcrições são efetuadas a partir dos manuscritos: xxx diz respeito a uma passagem rasurada e <xxx> diz respeito a uma passagem escrita à margem ou nas entrelinhas. As abreviações, para fins de legibilidade, foram escritas por extenso.

¹²⁹ (NT) O título original em inglês é *The life and growth of language*.

eixo da Linguística”, ele escreve. Mas ele se apressa a lamentar que esse convencionalismo não tenha levado em consideração a especificidade da linguagem entre as instituições humanas:

~~Ø futuro <A sequência> dirá <cremos nós>: é uma instituição humana, sem análogo, com exceção da escrita. E isso não é importante para seu estudo.~~ mas de tal natureza que todas as outras instituições humanas, salvo a da escrita, sejam destinadas a <podem somente> nos enganar completamente sobre sua <a> <verdadeira> essência, se nós tivermos o infortúnio de confiarmos, por infortúnio, em sua analogia...

Mas a linguagem e a escrita não são FUNDADAS ~~<DESDE A ORIGEM> SOBRE UMA RELAÇÃO NATURAL DAS COISAS~~ <sobre uma relação natural das coisas>. Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a ~~letra~~ forma da letra S, e do mesmo modo não é mais difícil para palavra ~~kuh~~ <cow> do que para palavra vacca designar uma vaca. É isso que Whitney não deixou jamais de ~~fazer ver~~ <colocar em evidência> <repetir>, para provar <melhor> <fazer sentir> que a linguagem ~~fosse~~ <é> uma instituição pura. Somente isso prova muito mais: saber que a linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO, (se a ela adicionamos a escrita) e que seria ~~de fato~~ <verdadeiramente> ilusório <presunçoso> crer que a história da linguagem deva se assemelhar, mesmo de longe, após isso, à de outra instituição ~~<nem que~~ <não> coloque em jogo (a cada momento) forças psicológicas semelhantes ~~para serem praticadas~~. (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 17-18)¹³⁰¹³¹.

¹³⁰ Uma reprodução numérica do caderno sobre Whitney pode ser consultada no DC-ROM associado ao *Cahiers Ferdinand de Saussure* 60.

¹³¹ (NT) Original: ~~L'avenir <La suite> dira <croyons-nous>: c'est une institution humaine, sans analogue, sauf l'écriture. Et cela n'est pas important pour son étude.~~ mais de telle nature que toutes les autres institutions humaines sauf celle de l'écriture, sont destinées à <ne peuvent que> nous tromper complètement sur son <a> <véritable> essence, si nous ~~avons le malheur de~~ <nous> nous fions <par malheur> à leur analogie ... Mais le langage et l'écriture ne sont PAS FONDÉS ~~<DEPUIS L'ORIGINE> SUR UN RAPPORT NATUREL DES CHOSES~~ <sur un rapport naturel des choses>. Il n'y aucun rapport, à aucun moment, entre un certain son sifflant et la ~~lettre~~ forme de la ~~lettre~~ S, et de même il n'est pas plus difficile au mot ~~kuh~~ <cow> qu'au mot vacca de désigner une vache. C'est ce que Whitney ne s'est jamais lassé de ~~faire voir~~ <mettre en évidence> <répéter>, pour ~~prouver~~ <mieux> <faire sentir> que le langage ~~était~~ <est> une institution pure. Seulement cela prouve beaucoup plus: à savoir que le langage <est> une institution SANS ANALOGUE, (si l'on y joint l'écriture) et qu'il serait ~~tout à fait~~ <vraiment> illusoire <présomptueux> de croire que l'histoire du langage

Somente a escrita é julgada comparável, entre as instituições humanas, à da linguagem. Essa semelhança se baseia na natureza de seus signos e da convenção que os estabelece. Assim, no restante do manuscrito, a consideração daquilo que Saussure chama tanto de “figura” como de “signo vocal” é acompanhada sempre da consideração do signo gráfico. Desse modo, para ilustrar o que ele entende como símbolo convencional, Saussure usa, repetidamente, o exemplo duplo do signo linguístico e do signo gráfico:

Por exemplo, se represento ~~um~~ um homem por uma representação <mesmo> grosseira, <mas se eu o represento pelo signo gráfico x, ou pela figural vocal ἄνθρωπος []> (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 13).¹³²

A instituição do casamento de acordo com a forma monogâmica é <provavelmente> mais razoável que de acordo com a forma poligâmica. ~~Mas a instituição~~ Isso pode ser discutido filosoficamente. Mas a instituição de um signo qualquer, por ex. σ ou s, para designar o som s, ~~é baseada na irracionalidade~~ ou de cow ou vacca para designar a ideia de vaca é baseada na própria irracionalidade; ou seja, não há aqui nenhuma razão fundamentada na natureza das coisas <e sua conveniência> que intervenha em qualquer momento, ~~sobre~~ <seja> para manter ~~ou~~ seja para apagar uma [] (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 25)¹³³.

É a convenção não natural – a arbitrária – dos signos da língua e da escrita que os torna instituições humanas específicas, não baseadas na razão. O caso da escrita permanece estreitamente associado à reflexão sobre a linguagem, mesmo quando o linguista chega a formular, em uma das

doive ressembler même de loin, après cela, à celle d'une autre institution <ni qu'il <ne> mette <pas> en jeu (à chaque moment) des forces psychologiques semblables pour être pratiqué>.

¹³² (NT) Original: *Par exemple si je représente ~~un~~ un homme par une figuration <même> grossière, <mais si je le représente par le signe graphique x, ou par une figure vocale ἄνθρωπος []>*

¹³³ (NT) Original: *L'institution du mariage selon la forme monogame est <probablement> plus raisonnable que selon la forme polygame. ~~Mais l'institution~~ Cela peut philosophiquement se discuter. Mais l'institution d'un signe quelconque, par ex. σ ou s, pour désigner le son s, ~~est fondée sur l'irraison~~ ou bien de cow ou vacca pour désigner l'idée de vache est fondée sur l'irraison même; c'est-à-dire qu'il n'y a ~~ici~~ aucune raison fondée sur la nature des choses <et leur convenance> qui intervienne à aucun moment, ~~sur~~ <soit> pour maintenir ~~ou~~ soit pour supprimer une []*

primeiras vezes, a inclusão do estudo da língua no campo de uma ciência dos signos.

na teoria geral dos signos o caso particular dos signos vocais ~~não estaria~~ <não seria> mais complexo do que <mil vezes> todos os casos particulares conhecidos; tais como a escrita, a numeração etc. (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 91)¹³⁴.

A analogia entre língua e escrita é, de acordo com as notas sobre Whitney, total. Ela concerne não somente à natureza da instituição que elas representam na vida social dos homens, mas também a seu funcionamento enquanto sistema de signos.

É relevante observar que certas passagens do caderno sobre Whitney atenuam essa analogia total estabelecida entre a língua e a escrita: por exemplo, quando Saussure reafirma “a diferença entre a instituição da linguagem e as outras instituições humanas” sem mencionar a escrita (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 37), ou quando ele afirma essa convicção: “Quem põe ~~somente-somente~~ o pé sobre o terreno da língua pode dizer a si mesmo que está abandonado por todas as analogias do céu e da []”¹³⁵ (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 92). Essas variações ilustram a dificuldade de interpretar um pensamento conhecido por meio dos manuscritos que não receberam legitimação oficial. O texto consagrado a Whitney retoma e desenvolve muitas vezes a mesma ideia, com nuances. Em todo caso, é inegável que a analogia entre a língua e a escrita é afirmada, nesse documento, com mais força do que em qualquer outro texto de Saussure.

¹³⁴ (NT) Original: *dans la théorie générale des signes le cas particulier des signes vocaux ~~n'était~~ <ne serait> pas en outre plus complexe ~~de~~ <mille fois> tous les cas particuliers connus; tels que l'écriture, la chiffraison etc.*

¹³⁵ (NT) Original: *Quiconque pose ~~seulement-seulement~~ le pied sur le terrain de la langue peut se dire qu'il est abandonné par toutes les analogies du ciel et de la []*

2.2 “O que, nos diferentes sistemas semiológicos, faz da língua um sistema à parte” (1908)

Após 1894, o signo gráfico continuou a nutrir a reflexão semiológica de Saussure. Assim, nos textos teóricos que aparecem entre os manuscritos sobre as lendas, as letras do alfabeto tomam lugar, ao lado do nome e do personagem mítico, entre as “diferentes formas do SIGNO, no sentido filosófico” (SAUSSURE, 1986, p. 191). É, ainda, a partir do exemplo da runa germânica que Saussure se propõe a definir o símbolo (1986, p. 130-131). Nos cursos de Linguística Geral, a escrita constitui uma analogia à língua muito menos satisfatória do que nos manuscritos sobre Whitney. O fato, contudo, é que ela continua a fazer parte da elaboração dos princípios teóricos de uma ciência da linguagem.

A partir do início do segundo curso, a escrita desempenha um papel capital na inserção da Linguística no centro de uma ciência dos signos mais ampla. Entre os sistemas de signos não linguísticos então enumerados – sinais marítimos, signos dos cegos, dos surdos e mudos – em que essa ciência pudesse se basear, a escrita é o “mais importante”. E para sustentar a afirmação do caráter semiológico da ciência da linguagem, Saussure desenvolve a seguinte aproximação:

Na escrita, estamos de fato em um sistema de signos similar ao da língua. Suas principais características são:

1. O caráter arbitrário do signo <(não há relação entre o signo e a coisa a ser designada);>
2. Valor puramente negativo e diferencial do signo. <Ele só adquire valor por meio de diferenças.> Para *t*, por exemplo, em uma mesma pessoa: τ T t mas o que se exige é que ele não seja completamente idêntico a um *l* ou um *n*!)
3. Os valores da escrita consistem apenas em grandezas opostas< em um sistema definido;> eles são opositivos, são valores <apenas> por oposição. <Há um limite no número de valores.> (Não é exatamente o mesmo que 2) mas, no final das contas, se reduz ao valor negativo. Exemplo: o que é *p*, para um russo, será *r*, para um grego, etc.) 2) e 3) são uma consequência necessária de 1).
4. Indiferença total do meio de produção do signo – resulta igualmente de 1) – que eu os escreva em branco, preto, vazado, em relevo etc., <é indiferente.> Nós encontraremos todas essas

características na língua. (SAUSSURE, 1997, p. 7-8 = CLG/E 1930-1936).¹³⁶

Essa passagem dos cadernos de Albert Riedlinger foi transcrita de maneira quase idêntica pelos editores do CLG e inserida em um capítulo sobre a noção de valor linguístico (CLG, p. 165-166). A modificação do contexto influencia fundamentalmente a interpretação que pode ser dada a essa passagem. Ela é introduzida no CLG por um parágrafo redigido pelos editores – “Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão” – que coloca a demonstração sobre o valor dos signos gráficos a serviço da demonstração referente ao valor dos signos linguísticos¹³⁷. No entanto, essa relação causal não aparece no decorrer do curso, tal como concebido por Saussure. Essa passagem se situa, na verdade, bem no início da introdução do segundo curso – ou desse “bate-papo”, como Saussure o chama (GODEL, 1957, p. 29). Após ter analisado, no primeiro curso, os erros cometidos pela Linguística Histórica, o professor não havia ainda desenvolvido de fato os princípios positivos para uma ciência da linguagem. Ele mal havia separado a fala da língua e procurado situar a Linguística entre as outras ciências quando esse desenvolvimento ocorreu. As noções de arbitrário e de valor são, assim, esboçadas pela primeira

¹³⁶ (NT) Original: *Dans l'écriture nous sommes bien dans un système de signes similaire à celui de la langue. Les principaux caractères en sont: 1. Le caractère arbitraire du signe <(il n'y a pas de rapport entre le signe et la chose à désigner);> 2. valeur purement négative et différentielle du signe. <Il n'emprunte sa valeur qu'aux différences.> Pour t par exemple chez une même personne: τ T t mais ce qu'on lui demande c'est qu'il ne soit pas tout à fait identique à un l ou n !)* 3. *Les valeurs de l'écriture n'agissent que comme grandeurs opposées <dans un système défini;> elles sont oppositives, ne sont des valeurs <que> par opposition. <Il y a une limite dans le nombre de valeurs.> (N'est pas tout à fait la même chose que 2) mais se résout bien finalement en la valeur négative. Exemple: ce qui est p pour un Russe sera r pour Grec, etc.)* 2) et 3) *sont une conséquence nécessaire de 1)*. 4. *Indifférence totale du moyen de production du signe – découle également de 1) – que je les écrive en blanc, noir, creux, relief etc., <c'est indifférent.> Nous retrouverons tous ces caractères dans la langue.*

¹³⁷ Esse arranjo tem confundido mesmo comentadores atentos, como R. Harris, que sujeita essa passagem à argumentação a favor do valor linguístico: “Se ele [Saussure] conseguir, apesar da natureza material dos fatos, demonstrar que o valor formal dos signos [gráficos] é puramente negativo, a conclusão de que o mesmo se aplicaria ao signo linguístico em geral só parecerá mais convincente” (HARRIS, 1993, p. 27).

vez no decorrer dos cursos no que diz respeito aos signos gráficos. Elas servem para demonstrar a semelhança entre os dois sistemas de signos.

Saussure prossegue enumerando uma outra série de pontos de contato entre a língua e a escrita: as duas são convenções sociais, as duas são herdadas de gerações precedentes (cf. SAUSSURE, 1997, p. 8-9 = CLG/E 1130). As similaridades intrínsecas aos dois sistemas precedem, assim, o inventário de suas similaridades extrínsecas. Encontramos, nesse desenvolvimento, a dupla analogia entre a língua e a escrita que o texto sobre Whitney estabelecia: como sistema semiológico e como instituição social. Ainda pouco estabelecidas, essas aproximações são reduzidas:

Poderíamos levar essa comparação bem mais adiante <até o nível dos detalhes> e <também> encontrar analogias entre o sistema de signos <além da escrita – até mesmo o sistema de sinais marítimos: e aquele da língua. Sentimos que se está na mesma ordem de fatos. (SAUSSURE, 1997, p. 9 = CLG/E 284)¹³⁸.

A especificidade da escrita é colocada em xeque: outros sistemas de signos poderiam, então, ser comparados ao da língua. A lista de analogias com a escrita serve apenas para demonstrar a inserção da Linguística entre as ciências semiológicas. E, se Saussure indica que a língua será “o modelo geral” dessas ciências, ele especifica que “será por acaso; teoricamente, ela será apenas um caso particular” (SAUSSURE, 1997, p. 7 = CLG/E 290). No Segundo Curso, o que faz a especificidade da língua em relação a uma instituição social e semiológica como a escrita ainda permanece no estado do horizonte programático: “Cabe a nós determinar o que, nos diferentes sistemas semiológicos, faz da língua um sistema à parte” (SAUSSURE, 1997, p. 9 = CLG/E 295).

A introdução do Terceiro Curso vai mais longe na afirmação da singularidade radical da língua. Quando retoma a definição de Whitney de língua como instituição social, Saussure adiciona:

¹³⁸ (NT) Original: *On pourrait pousser cette comparaison beaucoup plus loin <jusque dans les détails> et <aussi> retrouver des analogies entre les systèmes de signes <autres que l'écriture – même le système des signaux maritimes-> et celui de la langue. On sent que l'on est dans le même ordre de fait.*

Contudo, não vemos uma instituição social que esteja ao lado da língua e que seja comparável a ela. Há muitas diferenças. A situação bastante particular que a língua ocupa entre as instituições é muito certa, mas não pode ser definida com uma única palavra; em vez disso, são diferenças que emergiriam dessa comparação.¹³⁹ (CONSTANTIN, 2005, p. 88 = CLG/E 273).

O argumento dado a favor da incomparabilidade da língua é o de sua universalidade: “Nenhuma outra instituição concerne todos os indivíduos a todos os instantes; nenhuma outra chega a todos, de maneira que cada um tenha dela sua parte e, naturalmente, sua influência” (CONSTANTIN, 2005, p. 89 = CLG/E 273). Com a afirmação dessa universalidade antropológica, a escrita perde seu estatuto de análoga à língua que lhe conferia o texto de 1894 e que se mantinha em parte no Segundo Curso. Nem em sua dimensão social nem em sua dimensão semiológica a escrita pode ser comparada à língua. Dessa forma, ela não teria mais um papel específico a desempenhar no ensino da Linguística Geral. Entretanto, Saussure continua a fazê-la intervir, especialmente na última parte do Terceiro Curso, em que são expostos os princípios gerais da língua, em virtude “das analogias bastante características” (2005, p. 89 = CLG/E 192) que se observam entre os dois sistemas. Ela lhe serve, assim, de argumento a favor da distinção língua/fala:

<Podemos separar a fala do resto> Acontece em certos casos de doenças em que um homem inteiramente privado da fala conserva a faculdade de escrever: a língua permanece intacta, a fala é a única afetada. (CONSTANTIN, 2005, p. 217-218 = CLG/E 256)¹⁴⁰.

Do mesmo modo, o signo gráfico intervém como um contraponto ao signo linguístico na demonstração do arbitrário:

¹³⁹ (NT) Original: *Toutefois, on ne voit pas d'institution sociale qui se place à côté de la langue et soit comparable à elle. Il y a de très nombreuses différences. La situation toute particulière que la langue occupe entre les institutions est très sûre, mais on ne peut pas y répondre d'un seul mot; ce sont plutôt des différences qui éclateraient à cette comparaison.*

¹⁴⁰ (NT) Original: *On peut séparer la parole du reste> Il arrive dans des cas de maladie qu'un homme entièrement privé de la parole conserve la faculté d'écrire: la langue est intacte, la parole seule est touchée.*

É o próprio caráter arbitrário que os signos da escrita têm < É claro que nenhum laço preexistente exista para que eu designe o som P pela sequência dos traços P, II, ou O. (CONSTANTIN, 2005, p. 222 = CLG/E 1124)¹⁴¹.

Ou, em oposição a isso, sobre a questão da linearidade:

[O signo linguístico] é acústico (ele se desenvolve no tempo que tem apenas uma dimensão linear, uma só dimensão). Por oposição a uma determinada espécie de signos (signos visuais, por exemplo) que podem oferecer uma complicação em várias dimensões, o signo acústico só pode oferecer complicações no espaço que seria representável em uma linha (CONSTANTIN, 2005, p. 222-223 = CLG/E 1167-1170)¹⁴².

A escrita retorna um pouco mais adiante, no inventário das causas da imutabilidade das línguas:

2º) A imensa multiplicidade de signos que constitui uma língua. Se procurarmos pontos de comparação, não os encontraremos. E esse fato da multiplicidade de elementos que estão em jogo não deve ser desprezado. Uma escrita tem apenas de vinte a quarenta signos. Podemos ver um sistema de escrita ser substituído por outro. Se fosse concebível que a língua se compusesse apenas de quarenta signos, por exemplo, seria muito concebível que a língua pudesse ser completamente modificada. (CONSTANTIN, 2005, p. 240 = CLG/E 1213-1216)¹⁴³.

¹⁴¹ (NT) Original: <C'est le même caractère arbitraire qu'ont les signes de l'écriture> Il est clair qu'aucun lien préexistant n'est là pour que je désigne le son P par la suite de traits P, II, ou O.

¹⁴² (NT) Original: Le signe linguistique] est acoustique (il se déroule dans le temps qui n'a qu'une dimension linéaire, une seule dimension). Par opposition à telle espèce de signes (signes visuels par exemple) qui peuvent offrir une complication en plusieurs dimensions, le signe acoustique ne peut offrir de complications que dans l'espace qui serait figurable dans une ligne.

¹⁴³ (NT) Original: 2º) La multitude immense des signes constituant une langue. Si l'on cherche des points de comparaison, on n'en trouve pas. Et ce fait de la multitude des éléments qui sont en jeu n'est point à dédaigner. Une écriture n'a que vingt à quarante signes. On peut voir un système d'écriture remplacé par un autre. S'il était concevable que la langue ne se composât que de quarante signes par exemple, il serait très concevable que la langue puisse être changée du tout au tout.

Apesar da frequência de comparações empregadas no ensinamento de Saussure – jogo de xadrez, economia... – nenhum outro objeto semiológico desempenha um papel comparável ao exercido pela escrita. Ela permanece como o sistema de signos que é referência para pensar a língua, mesmo depois de confirmada sua radical singularidade. O signo gráfico, principalmente na introdução do Segundo Curso e no Terceiro, serve para evidenciar as características do signo linguístico.

A questão das relações entre a língua e a escrita não possui, portanto, um tratamento homogêneo nos textos de Saussure: ela passa por uma evolução no percurso do linguista que corresponde à elaboração progressiva das especificidades do objeto língua. Concebidos como homólogos em 1891, a língua e a escrita são descritas como análogas, a partir de 1894, em concordância com a leitura de Whitney. É essa relação de analogia que Saussure redefine ao longo de seu ensinamento sobre Linguística Geral, reduzindo gradualmente seu alcance: com a afirmação da incomparabilidade da língua como instituição social, tudo que resta são analogias “tópicas”, concernentes às características de funcionamentos semiológicos que, então, tomam um valor metodológico.

Os cursos de Linguística Geral não oferecem uma análise estruturada do fenômeno da escrita: este só interessa a Saussure pelas relações que tem com a linguagem. Nesse sentido, ele é tratado a partir de uma ótica dupla: tanto como documento, muitas vezes enganoso, que dá acesso à língua, quanto como instituição social e sistema de signos – em certos aspectos, comparável à própria língua. A crítica célebre da escrita como um “véu” colocado sobre a língua¹⁴⁴ coabita com uma confrontação, muitas vezes despercebida, entre dois sistemas, durante a exposição teórica. Ao velar a língua, a escrita participa também do desvelamento de seus princípios gerais.

¹⁴⁴ A comparação com o “véu” se dá entre outras imagens utilizadas para ilustrar o caráter enganoso da escrita. Saussure fala, assim, no Segundo Curso, da “reprodução inexata”, do “falso prisma” da escrita; ele a compara a uma “imagem”, “um véu”, ou a um “pano” (SAUSSURE, 1997, p.82-84 = CLG/E 572). No Terceiro Curso, ele utiliza a imagem da “fotografia” de uma pessoa que recebe mais crédito do que sua fisionomia real (CONSTANTIN, 2005, p. 143 = CLG/E 449). Ressaltemos, a esse respeito, que a “tirania da letra”, expressão do CLG frequentemente utilizada, não encontra seu equivalente nos cadernos dos alunos, mesmo que, no Terceiro Curso, Saussure tenha evocado as relações língua-escrita no registro da dominação: “uma é apenas o servo”, “ideia de inferioridade, de dependência da língua em relação <à letra>”;

Conclusão: problemas abertos

Se a questão da escrita em Saussure é mais complexa e mais aberta do que se diz, é porque assume uma dupla diversidade, frequentemente esquecida.

Uma diversidade de pontos de vista

Longe de se reduzir unicamente ao tratamento depreciativo presente no CLG, a reflexão saussuriana referente à escrita articula uma pluralidade de abordagens. Do ponto de vista linguístico, Saussure destaca a importância da escrita, que fornece testemunhos indispensáveis sobre estados antigos de língua, mas adverte contra esse sistema de representação enganoso, fonte de inúmeros erros, cuja influência sobre a língua deve ser analisada com suspeitas. De um ponto de vista semiológico, a escrita é tratada como o sistema de signos mais próximo da língua. Como tal, ela intervém na demonstração de grandes princípios da Linguística saussuriana: a distinção língua-fala, a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, a imutabilidade do signo...

Enquanto instituição social, a escrita ocupa, para Saussure, um estatuto distinto das outras instituições humanas, mas seu grau de analogia com a língua não é avaliado da mesma forma, segundo os diferentes momentos de seu pensamento. Por fim, do ponto de vista histórico, Saussure considera os sistemas de escrita como tecnologias humanas, das quais ele analisa o funcionamento e as transformações através do tempo. É essa diversidade de pontos de vista presentes, um de cada vez ou concomitantemente, nos escritos saussurianos que invalida todo tratamento unitário e torna incompletos os comentários estabelecidos até agora.

Uma diversidade de sistemas de escrita

“essa forma escrita de palavra reina com maestria”... (CONSTANTIN, 2005, p. 143; 148).

Saussure propõe, em seus cursos de Linguística Geral, uma tipologia breve dos sistemas de escrita, distinguindo duas grandes categorias: o sistema ideográfico e o sistema fonético. Um arquétipo é proposto para cada uma (a escrita chinesa e o alfabeto grego) e uma hierarquia entre as duas é assumida, uma vez que a escrita ideográfica dificilmente é examinada, enquanto o “alfabetismo”, objeto de toda a atenção, é designado como “o único sistema racional de escrita” (CONSTANTIN, 2005, p. 202). Essa predominância do modelo alfabético na reflexão saussuriana sobre a escrita tem sido frequentemente salientada. Ela fica evidente na reflexão desenvolvida nos cadernos dos anagramas sobre o *stab*. Saussure se questiona, então, sobre o funcionamento de uma proto-escrita com a ajuda de hastes (*stab*) sobre as quais ele hipotetiza.

Com essa teoria do *stab*, as hastes que prefiguram o primeiro alfabeto grego são a ilustração de uma pureza fonemática original. A evolução da escrita é, de acordo com o cenário que Saussure esboça nesses textos, a história da corrupção progressiva desse fonematismo original, fonte de desacordos atuais entre grafia e fonia (cf. TESTENOIRE, 2012a; 2012b; 2013. p. 229-238). Contudo, toda reflexão do linguista não se limita a esse modelo. Esses manuscritos atestam uma atenção dada a um grande número de sistemas de escrita diferentes – alfabetos semíticos, frígios, rúnicos, silábicos, cipriotas, cuneiformes, persas, devanágari, ideogramas chineses... – cuja análise empírica alimenta seu pensamento teórico. Isso ocorre, por exemplo, nas notas chamadas “Item”, em que Saussure desenvolve os contornos de uma semiologia visual comparando os “signos vocais” e as “figuras visuais” e mobiliza, nesse quadro, a escrita ideográfica, prova de que o fonocentrismo saussuriano não é, talvez, tão cego à dimensão icônica da escrita e que os problemas colocados por suas análises ainda permanecem abertos.

Item. Princípio da uni-espacialidade se considerarmos o *sôme*, resultando no sema: a divisibilidade por fatias (sempre no mesmo sentido e com cortes idênticos), no lugar da divisibilidade pluriforme que teríamos, por exemplo, se em um sistema “visual direto” (+escrita ideográfica) tivéssemos:



oposto a com os sentido que atribuiríamos a

- Porque é necessário manter a esse respeito, talvez como um salva-vidas, a oposição entre 2 semas, – não a signific. de um sema. – Ou a oposição entre 2 semas como λέγομεν/λέγετε é regulada por fatias que vão no mesmo sentido e chegam apenas uma de cada vez, enquanto que é fácil conceber mil sistemas em que nenhuma dessas



condições seria satisfeita. (Difficil somente porque voltamos seguramente à fala, qd oferecemos outro semisma.) (BGE, Ms. fr. 3951, f. 13 = CLG/E 3317.2)¹⁴⁵.

Referências

AMACKER, R. Saussure et la transcription officielle du sanskrit. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Geneve, n. 56, p. 175–178, 2006.

ANIS, J.; CHISS, J.-L.; PUECH, C. *L'écriture: théories et descriptions*. Bruxelles: De Boeck, 1988.

ARRIVE, M. Les Danois aux prises avec la substance de l'encre. *Langue Française*, Paris, n. 59, p. 25–30, 1983.

¹⁴⁵ (NT) Original: *Item*. Principe de l'uni-spatialité si l'on considère le sême, ayant pour conséquence dans le sême: la divisibilité par tranches (toujours dans le même sens et par coupures identiques), au lieu de la divisibilité pluriforme qu'on aurait par exemple si dans un système "visuel direct" (= écriture idéographique) on avait: [figura a] opposé à avec les sens qu'on voudra à [figura b] — Car il faut bien maintenir à ce propos peut-être comme planche de salut l'opposition entre 2 sêmes, – non la signific. d'un sême. – Or l'opposition entre 2 sêmes comme λέγομεν /λέγετε se règle au moyen de tranches allant dans le même sens et n'arrivant qu'une à une, tandis qu'il est facile de concevoir mille systèmes où ni l'une ni l'autre de ces conditions ne serait réalisée. (Difficile seulement parce que nous en revenons à la parole sans nous en douter, qd on offre un autre sémisme.)

BENNINGTON, G. Saussure and Derrida. In: SANDERS, C. (ed.) *The Cambridge companion to Saussure*, Oxford: Cambridge University Press, 2004. p. 186–202.

BENVENISTE, E. *Dernières leçons*. In: FENOGLIO, I.; COQUET, J-C. (org.). Paris: Gallimard – Seuil, 2012.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. La linguistique et la question de l'écriture: enjeux et débats autour de Saussure et des problématiques structurales. *Langue Française*, Paris, n. 59, p. 5–24, 1983.

CHRISTIN, A. M.; Le signe en question. *Degrés*, Paris, n. 100 1999. Disponible em: http://www.ceei.univ-paris7.fr/07_ressource/01/document/01.html. Acesso em: 1 maio 2017.

CONSTANTIN, E. Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910–1911. Ed. par C. Mejia Quijano. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n. 58, p. 83–290, 2005.

DAYLIGHT, R. *What if Derrida was wrong about Saussure?* Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.

FLEURY, M. Notes et documents sur Ferdinand de Saussure (1880–1891). *Annuaire de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes de Paris*, Paris, p. 35–67, 1964–1965.

GALAZZI, E. 1880–1914. Le combat des jeunes phonéticiens: Paul Passy. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n. 46, p. 115–129, 1992.

GALAZZI, E. L'association phonétique internationale. In : AUROUX, S. (org.). *Histoire des Idées Linguistiques*. Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Liège-Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 499–516.

GANDON, F. Saussure poéticien: La tache aveugle de l'écriture. In: S. Bédouret-Larraburu & G. Prignitz (org.). *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature* Pau: Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, 2012. p. 81–95.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Genève: Droz, 1957.

- GOODY, J. *La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage*. Paris: Minuit, 1979.
- GOODY, J. *Entre oralité et écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- GOODY, J. *Pouvoirs et savoirs de l'écrit*. Paris: La Dispute, 2007.
- HARRIS, R. *La sémiologie de l'écriture*. Paris: CNRS éditions, 1993.
- HARRIS, R. L'écriture: pierre d'achoppement pour la sémiologie saussurienne. In : BOUQUET, S. (org.). *Saussure*. Paris: L'Herne, 2003. p. 228-233
- JOSEPH, J. E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- JOUBERT, C. Critique du signe et criticité du discours: Saussure relit Derrida. *Langages*, Paris, n. 159. p. 74-92, 2005.
- KLINKENBERG, J.-M. Entre servitude et autonomie. Quelle place pour l'écriture dans les sciences du langage? In: *CMLF 2014 - 4e: Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris : EDP Sciences, 2014. p. 45-64.
- LINDA, M. Kommentiertes Verzeichnis der Vorlesungen F. de Saussures an der Universität Genf (1891-1913). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 49. p. 65-84, 1995-1996.
- MARCHESE, M. P.; Murano, F. Saussure et l'épigraphie. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 68. p. 95-112, 2015.
- Ong, Walter J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London & New York: Routledge, 2015.
- RICARDOU, J. Les retours de l'écrit dans l'impensé de la parole et de la langue. *Linx*, n. 7. p. 395-421, 1995.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*, C. Bally & A. Sechehaye (org.). Genève: Payot, 1916.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*, R. Engler (org.). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-1974.
- SAUSSURE, F. *Le leggenda germaniche*, A. Marinetti & M. Meli (org.). Este: Zielo, 1986.

SAUSSURE, F. *Deuxième cours de linguistique générale* (1908–1909). D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois, E. Komatsu (org.). Oxford & New York: Pergamon, 1997.

SAUSSURE, F. *Écrits de linguistique générale*, R. Engler & S. Bouquet (org.). Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. *Science du langage*, R. Amacker (org.). Genève: Droz, 2011.

SAUSSURE, F. *Anagrammes homériques*, P.-Y. Testenoire (org.). Limoges: Lambert Lucas, 2013.

TESTENOIRE, P.-Y. L'origine de l'écriture: un enjeu de la linguistique saussurienne? *CMLF 2012 – 3e Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris: EDP Sciences, 2012a. p. 803–816.

TESTENOIRE, P.-Y. Littérature orale et sémiologie saussurienne. In S. Bédouret-Larraburu, G. Prignitz (org.). *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature ?* Pau: Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, 2012b. p. 61–77.

TESTENOIRE, P.-Y. Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.